



Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana
Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o Moderno e o Contemporâneo
ISSN 1809 - 709 X

O estatuto do corpo na psicanálise¹
The statute of the body in psychoanalysis
Le statut du corps en psychanalyse

Flavia Lana Garcia de Oliveira

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5338-9417>

Pós-Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica da Universidade Federal do Rio de Janeiro – Bolsista PNPd-CAPES (Rio de Janeiro, Brasil)

Coordena o Grupo de IC “Introdução à Teoria da Clínica Psicanalítica” na Universidade Federal do Rio de Janeiro intitulado (2019-2020) (Rio de Janeiro, Brasil)

Membro da Associação Universitária de Psicopatologia de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental – AUPPF (São Paulo, Brasil)

Membro do Instituto Sephora de Ensino e Pesquisa de Orientação Lacaniana – ISEPOL (Rio de Janeiro, Brasil)

E-mail: flavialanago@gmail.com

Juliana Monteiro de Godoy

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7203-9751>

Graduada em Psicologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (Rio de Janeiro, Brasil)

Foi graduanda de Iniciação Científica pelo Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro – Bolsista IC/FAPERJ (2019-2020) (Rio de Janeiro, Brasil)

Integra o Grupo de IC na Universidade Federal do Rio de Janeiro intitulado “Introdução à Teoria da Clínica Psicanalítica” (2019-2020) (Rio de Janeiro, Brasil)

E-mail: mgodoyjuliana@gmail.com

Resenha do livro:

Freud, S. (2010-2019). *Obras Completas*. São Paulo: Companhia das Letras. (Originais publicados entre 1893-1923).

Diante do acontecimento atual da pandemia, a dimensão do corpo parece emergir primeiro em sua vulnerabilidade a um vírus que não pertence a nenhum viés ideológico, crença ou cultura, evocando nosso estado originário de profundo despreparo para aquilo que pode irromper na realidade sem pedir licença. Mas o protagonismo do corpo do sujeito também comparece no nível das ações de precaução para a diminuição do contágio, mobilizando as angústias de cada um na preservação de si e dos outros. Além disso, as modificações na rotina trouxeram um novo regime para a experiência de si como corpo próprio no laço social, muito mais guiada pela projeção da imagem na tela das plataformas virtuais como modo privilegiado de socialização. A manutenção da força libidinal no amor e no trabalho requisitaram novas maneiras de manter sua presença viva e encarnada. O exercício da clínica psicanalítica se viu desafiado pela manutenção de um encontro que permanecesse dando corpo ao desejo do analista.

Pensar o estatuto do corpo na psicanálise nos convida antes de tudo a um exercício minucioso de retorno à obra freudiana com a finalidade de demonstrar como essa noção foi articulada na teoria da clínica psicanalítica. Embora *A Interpretação dos Sonhos (Traumdeutung)* (Freud, 1900/2019) seja considerado o livro inaugural da psicanálise, já que nele a hipótese do inconsciente começa a ser estruturada, torna-se indispensável reconhecer que esse passo dado por Freud se fez a partir dos sintomas conversivos que impactam o corpo e o tornam palco de uma psicopatologia neurótica. O enigma do corpo histérico protagonizou o surgimento da psicanálise como método de diagnóstico e tratamento clínico.

Misteriosa por não deixar rastros anatomopatológicos que a justificassem, mas por ainda assim se expressar no corpo, a histeria convocou a psiquiatria da época, tal como a ciência atual diante do novo coronavírus, a pensar, visitar e encontrar técnicas inventivas para abordar esse fenômeno. O salto dado por Freud foi considerar que o inconsciente se manifestava no corpo nesses casos. Freud e Breuer identificaram o papel fundamental do trauma na patogênese da histeria (Breuer & Freud, 1895/2016a). O trauma psíquico ou a lembrança do mesmo agia como um corpo estranho que ainda muito depois da sua incidência permanecia atuante no psiquismo, trazendo impasses que só podiam se cifrar no corpo. A sexualidade era o grande trauma ocasionador dos sintomas histéricos. Diante da dificuldade de encontro com o que é conflituoso, produtor de um excedente pulsional difícil de representar, a modalidade histérica de defesa contra o sexual consiste na conversão da excitação psíquica em uma inervação corporal. Passando do encontro com o sintoma à localização da fantasia, verifica-se mecanismos identificatórios inconscientes organizam a pulsão e trazem consequências diretas para o corpo, sem que o sujeito se dê conta disso.

Em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, Freud (1905/2016b) postula características da vida sexual infantil, descrevendo-a como fundamentalmente autoerótica e com pulsões parciais que se empenham na obtenção de prazer, sem conexão entre si e de forma independente (Freud, 1905/2016, p. 107). Nessa forma mais arcaica de exercício da sexualidade, a pulsão não se dirige a outros objetos, ela se satisfaz no próprio corpo. Diz Freud (1905/2016b, p. 86): “nesse momento, a atividade sexual se apoia primeiro em uma das funções que servem à conservação da vida e somente depois se torna independente dela”. No funcionamento autoerótico da pulsão, impera pura exigência de satisfação, ao ponto de levar a uma negligência em relação às condições de manutenção da sobrevivência. Freud ancora o psiquismo ao corpo. Após a dissolução dos complexos de Édipo e de castração, instaura-se o período de latência, no qual “são formados os poderes psíquicos que depois se colocarão como entraves no caminho da pulsão sexual e, ao modo de represas, estreitarão seu curso (o nojo, a vergonha e as ideias estéticas e morais” (Freud, 1905/2016b, p. 80). A elaboração psíquica da diferença anatômica entre os sexos impede o transbordamento pulsional e possibilita outros usos do corpo que não se fecham à voracidade

pulsional tipicamente autoerótica, mas são orientados pela orientação da sexualidade no campo das parcerias amorosas e da sublimação das pulsões em prol de propósitos culturais.

Dito de outro modo, o recalque da sexualidade infantil impede que o sujeito seja consumado por essas tendências primárias alienantes. A partir do momento em que se abre mão dessa satisfação incessante, a emergência de um Eu passa a ser possível, assim como a aquisição da experiência de um corpo próprio. No texto *Introdução ao Narcisismo* (Freud, 1914/2010b), avança-se na elaboração da constituição do Eu e desse corpo como unidade: "uma unidade comparável ao Eu não existe desde o começo no indivíduo; o Eu tem que ser desenvolvido. (...) então deve haver algo que se acrescenta ao autoerotismo, uma nova ação psíquica, para que se forme o narcisismo" (Freud, 1914/2010, p. 19). Todavia, embora constitutivo, o enclausuramento narcísico pode ser dilacerante, é preciso dar um passo a frente e inscrever o que Freud (1914/2010) cunhou de ferida narcísica. Consentir com essa ferida narcísica implica ganhos, como a saída desse estado caótico de funcionamento das regiões corpóreas e o começo de uma capacitação de dirigir a libido a novos destinos, mas também há perdas, como ter que abrir mão dessa satisfação sexual em um regime sem diques. É a partir dessas perdas que o Eu vai ganhando potencialidades na mediação entre as pulsões e o mundo externo, se estruturando a partir da regulação da vida pulsional de acordo com os princípios da civilização, sobretudo no nível da identificação sexual formada com a transmissão parental de seu papel na partilha dos sexos.

No artigo metapsicológico *Pulsões e seus destinos*, de 1915, Freud define a pulsão como uma força constante, sendo "um conceito limite entre o somático e o psíquico, como o representante psíquico dos estímulos oriundos do interior do corpo e que atingem a alma, como uma medida do trabalho imposto à psique por sua ligação com o corpo" (Freud, 1915/2010c, p. 57). Para Freud, em tempos mais primordiais da constituição psíquica, o mundo exterior não está investido de interesse e não faz diferença alguma no que tange à satisfação do sujeito. O Eu-sujeito coincide com o que é prazeroso e o mundo exterior com o que é indiferente. Na medida em que está submetido ao autoerotismo, o Eu não precisa do mundo exterior, mas recebe dele objetos, devido às experiências das pulsões de conservação do Eu (Freud, 1915/2010c, p. 74). É exatamente por essa indiferença que representa tudo aquilo que é exterior ao próprio corpo que a introdução da cultura é um desafio. Se não há transmissão potente do ideal do eu, prevalece a indiferença e a paixão narcísica pela própria imagem.

A partir de 1920, o conceito de pulsão de morte se torna uma chave de leitura para pensar que da ordem de um "mais além do princípio do prazer" pode acometer o corpo. Segundo Coelho dos Santos (1991), Freud anuncia sua perplexidade face ao paradoxo da compulsão à repetição. O "mais pulsional" na pulsão é a "compulsão à repetição", mecanismo primitivo que relaria a eficácia de uma pulsão de morte, cujo livre curso em direção a seu alvo encontra a barreira das pulsões de vida. A vesícula viva apresentada em 1920 apresenta-se primordialmente por seu contato com o exterior e não fechamento em si mas contando com o desenvolvimento de um escudo protetor que

age contra os estímulos provenientes do exterior, que são vividos como traumáticos. Seguindo as formulações freudianas, Coelho dos Santos (1991) destaca o componente traumático em que se iguala as excitações externa e interna ao aparelho mental, instaurando um fluxo contínuo de excitações, em razão de uma falha no escudo protetor. Para a autora, esse trauma primordial instala o próprio movimento da pulsão de morte (Coelho dos Santos, 1991, p. 73). Se consideramos que o movimento pulsional é instalado por conta do desamparo originário, que é traumático por natureza, o outro se torna uma promessa. O apelo ao outro funda uma experiência de satisfação que deixa marcas indeléveis. É somente no laço com o outro que o primeiro anteparo a fazer barreira contra a pulsão de morte pode se consolidar.

Na experiência de desamparo, o que se tem é um corpo vulnerável. Com o tratamento das pulsões sob a égide do princípio da realidade, veicula-se uma apropriação do corpo que vai na direção contrária do empuxo para a morte. A veiculação de uma falta em meio ao anteparo é o que barra a busca incessante pela restituição da experiência de satisfação que julgamos sentir em um primeiro momento.

A partir dessas premissas voltamos ao sintoma histérico. Conceber o corpo como alvo do retorno do recalado já é pressupor a ação do recalque, ou seja, que o autoerotismo e o narcisismo sofreram um interdito. O sintoma neurótico, quando conta com a inscrição da função paterna, apresenta uma dimensão autoerótica de uma sexualidade infantil de uma forma muito mais disfarçada, sob os contornos do recalque. O movimento pulsional, quando em funcionamento sem as arestas simbólicas, funciona a partir de uma exigência de trabalho impossível. Portanto, a elaboração do traumatismo inicial a partir do laço com o outro é primordial. A inscrição do impossível protege o sujeito de um corpo devastado por reivindicações impossíveis de se alcançar. Modos precários de internalização do interdito paterno que barra o empuxo mortífero desembocam em uma obstinação pela satisfação pulsional irrestrita, que podem aparecer em múltiplos transtornos do corpo: anorexias, bulimias, obesidades, toxicomanias e drogadicções etc.

Nota

1. Esta resenha resulta do percurso da discente no âmbito da Iniciação Científica, que foi orientado pela Profa. Dra. Tania Coelho dos Santos (PPGTP-UFRJ/Bolsista de Produtividade CNPq Nível 1C) e coorientado pela pós-doutoranda Profa. Dra. Flavia Lana Garcia de Oliveira (PPGTP-UFRJ/Bolsista PNPd-CAPES). Agradecemos à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro – FAPERJ pela concessão da bolsa de Iniciação Científica durante o período de doze meses (2019-2020), incentivando a formação de novos pesquisadores.

Referências Bibliográficas

- Coelho dos Santos, T. (1991). *A pulsão é pulsão de morte?* Rio de Janeiro: SPID.
- Freud, S. (2010a). Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico. *In Obras Completas*. [Tradução Paulo César de Souza]. (Vol.10, pp 108-121). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1911).
- Freud, S. (2010b). Introdução ao Narcisismo. *In Obras Completas*. [Tradução Paulo César de Souza]. (Vol.12, pp 13-50). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1914).
- Freud, S. (2010c). As pulsões e seus destinos. *In Obras Completas*. [Tradução Paulo César de Souza]. (Vol.12, pp 51-80). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1915).
- Freud, S. (2016a). Estudos sobre a histeria. *In Obras Completas*. [Tradução Paulo César de Souza]. (Vol. 2, pp 9-442). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1893-1895).
- Freud, S. (2016b). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. *In Obras Completas*. [Tradução Paulo César de Souza]. (Vol.6, pp 13-172). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1905).
- Freud, S. (2019). A Interpretação dos Sonhos. *In Obras Completas*. [Tradução Paulo César de Souza]. (Vol. 4). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1900).

Citação/Citation: Lana Garcia de Oliveira, F. & Monteiro de Godoy, J. (nov. 2019 a abr. 2020). O estatuto do corpo na psicanálise. *Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana*, 15(29), 147-151. Disponível em www.isepol.com/asephallus. Doi: 10.17852/1809-709x.2020v15n29p147-151

Editor do artigo: Tania Coelho dos Santos.

Recebido/Received: 10/03/2019 / 03/10/2019.

Aceito/Accepted: 10/20/2019 / 20/10/2019.

Copyright: © 2019 Associação Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o moderno e o contemporâneo. Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte sejam citados/This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the author and source are credited.